

FAMÍLIAS COM IDOSOS NO RS: ARRANJOS E RELAÇÕES FAMILIARES NA VELHICE

MARÍLIA PATTA RAMOS

Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestrado em Sociologia pela UFRGS, e doutorado em Sociologia pela Purdue University (2001). Concluiu seu pós-doutoramento no Programa Vilmar Faria (PVF) de Análise Quantitativa em Políticas Públicas no Population Research Center (PRC) da Universidade do Texas (2006). Atualmente é professora adjunta II no departamento de Sociologia da UFRGS.

INTRODUÇÃO

Os arranjos familiares representam formas de se organizar em termos de co-residência, isto é, com que se vive sob um mesmo teto e se mantém algum tipo de relação afetiva ou profissional: amizade, matrimônio, paternidade, cuidados de saúde (quando se vive com enfermeiros, por exemplo) e outros (WILMOTH, 2000). Os tipos de arranjos familiares mais comuns entre os idosos nos EUA são estes: morar sozinho ou com cônjuge somente (WILMOTH, 1998). Uma pesquisa feita com idosos no Rio Grande do Sul Brasil (RIO GRANDE DO SUL, 1997) revelou a situação similar àquela vivenciada pelos idosos americanos. No caso dos idosos no RS, 20% vive sozinho, 24% vive com cônjuge, 15% com cônjuge e filhos, 12% somente com filhos, 29% com filhos, cônjuges e netos.

Apesar de a literatura americana já ter mostrado que as características familiares são relevantes em termos de oportunidade para mudanças nos arranjos familiares, sabemos pouco sobre esse aspecto entre os idosos brasileiros e menos ainda sobre como as trocas sociais (dar e receber de forma recíproca ou não) podem influenciar mudanças naqueles arranjos. Em particular, pouco ou quase nada se sabe sobre o papel das trocas não balanceadas (dar mais que receber ou o contrário), com filhos, cônjuges, amigos e outros parentes nas mudanças vivenciadas pelos idosos gaúchos quanto aos seus arranjos familiares, isto é, com quem eles predominantemente acabam vivendo na terceira idade. Conhecer essa realidade possibilitará orientações, ao nível de políticas públicas, que visem atender aos idosos e promover uma qualidade de vida condizente com a realidade por eles vivenciada, em termos dos arranjos familiares.

Manter um arranjo familiar estável e independente na terceira idade tem sido alvo das preocupações dos gerontólogos, não só no Brasil, mas principalmente nos Estados Unidos, onde as pesquisas enfatizam a renda, a saúde, a raça e a estrutura da família como importantes determinantes nos arranjos familiares dos idosos em países desenvolvidos¹.

O objetivo central da presente pesquisa foi identificar o efeito das trocas sociais não balanceadas nas transições nos arranjos familiares de idosos na região Centro-Oriental do Rio Grande do Sul. Esse objetivo foi atingido usando dados oriundos de duas pesquisas. Uma delas foi feita em 1995, refere-se ao estudo do Conselho Estadual do Idoso sobre o perfil do idoso no RS. A outra se refere à tese de doutorado da autora deste artigo, a qual pesquisou, em 2001, os mesmos idosos pesquisados em 1995².

(1) Mutchler e Burr (1991), Soldo, Wolf e Agree (1990), Spitze, Logan e Robinson (1992).

(2) Convém ressaltar que, mesmo tendo sido feita há quase uma década, a pesquisa não

Especificamente, tivemos como metas do estudo a identificação do perfil dos arranjos familiares predominantes entre a população idosa da região centro-oriental do Rio Grande do Sul; a determinação de alguns dos principais aspectos que determinam a chance de vivenciar uma ou outra transição, em termos de arranjos familiares; a identificação do sentido e da dimensão da relação de causalidade entre as trocas sociais que os idosos travam com seus familiares e amigos e os arranjos familiares nos quais eles estão envolvidos; a determinação de quais outros aspectos, junto com as trocas sociais são causalmente determinantes dos diferentes arranjos familiares vivenciados na terceira idade.

EXPLICAÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS CONDICIONANTES DOS ARRANJOS FAMILIARES NA VELHICE

Para a perspectiva da “pessoa-ambiente” (LAWTON, 1982), o processo de envelhecimento engloba vários eventos, tais como a aposentadoria, um decréscimo na renda, um declínio na saúde, a morte do cônjuge e um aumento nas pressões do ambiente (isto é, demandas físicas e sociais que encorajam mudança e adaptação). Alguns desses eventos, tais como a morte do cônjuge, causam imediata mudança nos arranjos de vida, enquanto outros eventos, tais como declínio na saúde, forçam os idosos a reconsiderar se os seus arranjos são apropriados ou não. Em todos os casos, as adaptações permitem à pessoa idosa alterar seu ambiente social e físico, de tal forma que o seu funcionamento seja melhorado. Essas adaptações tomam várias formas incluindo a alteração da estrutura física do ambiente onde vivem, a alteração da composição do espaço doméstico da casa ou até mudanças para outros locais.

O conceito original de Lawton sobre a pressão do ambiente engloba ambos os aspectos, físico e social, do ambiente da pessoa. A partir dessa perspectiva, a pressão social nas mudanças dos arranjos familiares pode emergir da dependência que um idoso tenha nos filhos, parentes ou amigos. Essa ideia, a qual está baseada na Teoria das Trocas, explica a trocas entre idosos e outros membros da sua rede de relações como uma função dos recursos individuais, bem como dos custos e dos benefícios proporcionados pelas trocas para cada participante (BLAU, 1964; DOWD, 1975; HOMANS, 1961). As trocas sociais não balanceadas que beneficiam

deixa de ser válida, já que, no Brasil, sempre temos que lidar com defasagem de dados, tal como acontecem com os dados censitários do IBGE, os quais estão disponíveis somente a cada decênio. Além disso, a coleta de dados primários com amostras estatisticamente representativas (quase sempre muito numerosas) é algo que envolve altos custos e por isso não pode ser repetida com frequência.

os idosos são potencialmente importantes para prever transições nos arranjos familiares, porque elas medem a dimensão social da dependência dos idosos. Trocas sociais não balanceadas podem representar uma necessidade subjacente do indivíduo que está envelhecendo, a qual pode potencialmente ser respondida por ajustamentos nos arranjos familiares, ou ela pode ser o anúncio de um evento crítico, o qual igualmente pode alterar os arranjos de vida. Então, trocas sociais não balanceadas e o crescimento da dependência com relação aos outros podem ambos aumentar o nível de pressão social levando até a alterações nos arranjos familiares.

A partir dessa perspectiva da “pessoa-ambiente”, a qual é informada pela Teoria das Trocas, as transições nos arranjos de vida podem ser compreendidas como o resultado dos eventos do curso da vida que ocorrem no processo de envelhecimento. E mais, a influência desses eventos é mediada pelas características da pessoa idosa incluindo a natureza das trocas sociais, dos recursos financeiros, da saúde, e de outras características demográficas. A discussão que segue revisará brevemente a relevância de cada um desses aspectos para as transições nos arranjos familiares.

RELAÇÕES DE TROCA NO ÂMBITO DA FAMÍLIA

Existe uma concordância de que as redes de trocas são ativadas nos momentos de necessidade, quando uma mudança na vida está iminente ou em processo³. Entretanto, existe pouca evidência direta de como o balanço nas trocas afeta os arranjos familiares dos idosos porque poucos estudos usam diretamente o balanço da assistência que os idosos recebem e que os idosos dão. A maioria das pesquisas prévias sobre arranjos familiares na terceira idade usam o conceito de suporte social e, como resultado, tendem a se centrar na estrutura da família imediata do idoso bem como no suporte recebido dos membros da rede social do idoso. Essas pesquisas prévias tendem a se priorizar uma das duas perspectivas alternativas que consideram o papel que o suporte social exerce nas transições dos arranjos familiares. A primeira conceitua o suporte social como uma forma de amortecer os efeitos negativos dos eventos comuns na velhice fornecendo assistência. A partir dessa perspectiva, o suporte social reduziria a probabilidade de transições nos arranjos familiares, principalmente a institucionalização (AVERY; SPEARE; LAWTON, 1989; COHEN; WILLIS, 1985). A segunda perspectiva vê o suporte social como um facilitador da mudança porque essas redes sociais promovem informação e oportunidade para as transições, especialmente dentro da

(3) Cantor (1980); Eggebeen e Davey (1998); Hogan, Eggebeen e Clogg (1993).

própria comunidade em que o idoso vive (SOLDO; WOLF; AGREE, 1990; SPITZE; LOGAN; ROBINSON, 1992).

Apesar de as pesquisas prévias proporcionarem *insights* sobre a influência do suporte social nos arranjos familiares, elas não consideram o balanço das trocas entre os idosos e os membros da rede social de suporte. Algumas pesquisas sugerem que o nível do comprometimento pessoal para continuar em trocas não balanceadas decresce à medida que nos movemos para abaixo nessa hierarquia de suporte sociais. Por exemplo, relações com pessoas que não são parentes, as quais podem ser caracterizadas como relações de troca que são frequentemente limitadas em escopo tendem a ter baixa tolerância para com trocas não balanceadas (CLARCK; MILLS; POWELL, 1986). Amigos e vizinhos não são obrigados a trocar ou se espera que participem menos em trocas não balanceadas. Como resultado, essas redes sociais tendem a se basear em suportes sociais de curta duração (GRIFFITH, 1985). Esse tipo de suporte é frequentemente necessário durante certos eventos no curso da vida, tais como a mudança dos filhos para longe da casa, o declínio da saúde do cônjuge, o declínio da saúde pessoal, os quais estão associados com transições nos arranjos familiares. Em complemento, trocas não balanceadas com amigos podem estar também associadas com transições nos arranjos de vida. Em contraste, a confiança para com redes de contato social com parentes tende a ocorrer quando os idosos necessitam cuidados pessoais de longa duração (BENGTSON; ROSENTHAL; BURTON, 1990). Apesar de essas necessidades poderem ocorrer antes das transições, as trocas não balanceadas que emergem dessas necessidades devem particularmente ser influentes na institucionalização ou mesmo na morte dos idosos.

Em complemento, a partir de uma perspectiva centrada na pessoa-ambiente, os arranjos de vida estão relacionados na confiança e dependência do idoso para com membros específicos de seu círculo social. Convém destacar que não é simplesmente a quantidade de suporte social que o idoso recebe que importa, mas sim em que grau ele é capaz de retribuir. Em geral, um idoso que recebe mais do que dá tem mais probabilidade de mudar seu arranjo familiar.

CONDIÇÕES ECONÔMICAS E DE SAÚDE

Os recursos econômicos são reconhecidos pela maioria como facilitadores dos arranjos familiares independentes porque eles propiciam a possibilidade de compra de certas condições de moradia e serviços, os quais, por sua vez, possibilitam a independência. Pesquisas prévias têm mostrado que, considerando-se a falta

de problemas funcionais de saúde e a disponibilidade dos filhos, mulheres idosas com recursos econômicos têm maior probabilidade viverem sozinhas (SOLDO; WOLF; AGREE, 1990). A falta de recursos econômicos aumenta as chances dos idosos terem que viver com outras pessoas (SCHWARTZ; DANZIGER; SMOKE-NSKY, 1984; WOROBEY; ANGEL, 1990).

Com relação à saúde, é sabido que idosos com boa saúde, isto é, com poucas doenças crônicas, doenças sérias, limitações funcionais, ou baixa depressão estão mais preparados para manterem lares independentes. Em contraste, aqueles idosos que apresentam mais problemas de saúde possuem maior risco de co-residência ou institucionalização (MUTCHLER; BURR, 1991).

CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

Estudos transversais e longitudinais nos EUA têm demonstrado que a idade e o gênero estão significativamente relacionados com os arranjos familiares na fase do envelhecimento. A proporção da população norte-americana que vive com cônjuge declina com a idade, enquanto a proporção que vive sozinha ou com filhos aumenta à medida que se envelhece. A idade aumenta o risco de se experimentarem transições nos arranjos familiares, particularmente transições relacionadas com a institucionalização e a morte. As mulheres têm maior probabilidade do que os homens de viverem sozinhas ou com os filhos. Essas diferenças de gênero relacionadas aos arranjos de vida devem-se primeiramente às diferenças em mortalidade entre homens e mulheres (SIEGEL, 1993). Especificamente, as mulheres têm maior probabilidade de enviudar e, como consequência, aumenta o seu risco de morar sozinha.

A REALIDADE EMPÍRICA: METODOLOGIA E RESULTADOS

A análise usou dados de duas pesquisas feitas com idosos, com 60 ou mais anos de idade, na região Centro-Oriental do Rio Grande do Sul. Especificamente, foram utilizados dados referentes a 551 idosos entrevistados em 2001 residentes nos municípios de Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, Candelária, Venâncio Aires, Cachoeira do Sul, Lajeado, Estrela, Encantado, Taquari e Teutônia. Os idosos foram recontatados através de uma amostra que já havia sido construída em 1995, em uma pesquisa patrocinada pelo Conselho Estadual do Idoso no Rio Grande do Sul.

A amostra de dez municípios foi selecionada ao acaso, de acordo com o tamanho da população e atividade econômica, de um total de 36 municípios que compõem a região Centro-Oriental do RS (IBGE). O número de setores censitários para cada município foi de 15% do total de setores em cada município. Entretanto, um mínimo de oito setores censitários foi selecionado para cada município para capturar a variabilidade de cada município e então oito casos (domicílios) foram selecionados em cada setor. Uma pessoa com idade de 60 anos ou mais foi entrevistada por domicílio.

Existe uma gama de dados, os quais foram obtidos através de um questionário fechado em 1995 e em 2001, relativos à estrutura das moradias, à estrutura da família, e às trocas sociais. É relevante destacar que perguntas referentes às mudanças nos arranjos familiares em termos de co-residência e de estado civil feitas em 1995 foram aplicadas novamente na pesquisa em 2001 para se captar as transições nos arranjos familiares entre os seis anos que separaram as duas pesquisas. As transições em termos de mudanças nos arranjos de vida englobam as seguintes categorias: “vive sozinho, vive com filhos somente, vive com parentes, vive com cônjuge somente, vive com cônjuge e filhos, vive com enfermeiro ou empregado(a)”. As categorias referentes às transições quanto ao estado civil englobaram as seguintes trajetórias: “de casado para viúvo, de viúvo para casado, de viúvo para casado e viúvo novamente, de casado para separado (divorciado), de solteiro para casado”. É importante enfatizar que não analisamos neste artigo as transições relacionadas com institucionalização.

Em função do fato de que 551 sujeitos foram reentrevistados em 2001 (e não toda a amostra de 1995), tivemos de considerar o problema do atrito na amostra, isto é, o aspecto das peculiaridades dos sujeitos que foram e os que não foram realocalizados. Os sujeitos reentrevistados provavelmente são aqueles com menos problemas de saúde e que, por isso, continuaram aptos a participar da pesquisa. Para resolver o problema do atrito na amostra, foi adotado um procedimento de checagem desse possível viés, através do uso de um termo de seleção, o qual não demonstrou ser significativo, o que nos permite dizer que não tivemos problema de atrito na nossa amostra.

Em termos das análises, foram usados basicamente “modelos de risco” (técnica da regressão logística), isto é, modelos que apontam as chances de se vivenciar uma transição nos arranjos de vida, em função de algumas variáveis independentes, onde as trocas sociais constituem a principal variável independente do modelo. Os arranjos de vida trabalhados foram estes: viver com cônjuge, viver sozinho, viver com cônjuge e filhos e viver com filhos. Os demais arranjos foram apresentados na análise descritiva, mas não foram incluídos nos modelos de risco por não serem expressivos na amostra pesquisada. Sendo assim, as transições de

arranjos baseiam-se em qualquer mudança naqueles arranjos citados acima, mais a mortalidade (isto é ter vindo a falecer de uma pesquisa para a outra, entre 1995 e 2001).

O gênero, a idade, o nível educacional, saúde, estrutura da família e a renda foram usados como variáveis de controle. O gênero foi usado como variável dicotômica, isto é onde 1 significa uma categoria, no caso ser mulher e ser branco, e zero as demais. O nível de educação vai desde analfabeto até segundo grau completo, onde primário completo será a categoria de referência. A renda foi medida em reais ganhos por mês *per capita*. A saúde foi medida pela depressão, pelo número de doenças sérias e crônicas e pelas limitações funcionais. Todas essas variáveis foram medidas em nível quantitativo (não dicotômicas). A estrutura da família foi medida pelo número de filhos, e pela frequência de contato com os filhos. A variável “trocas não balanceadas” foi medida da seguinte forma: as trocas sociais incluem medidas de ajuda recebida de familiares, ajuda recebida de amigos, ajuda dada a familiares e amigos. No caso estudado aqui, priorizamos aqueles sujeitos que recebem mais do que dão; sendo assim, no nosso modelo, a variável dependente foi um variável dicotômica na qual o valor 1 representa receber mais do que se dá e o valor zero dar mais do que receber e dar em iguais proporções. Assim priorizamos as trocas que beneficiam os idosos e a análise centrou-se naqueles sujeitos que são beneficiados em contraste com aqueles que não são.

Em termos da análise feita, utilizamos modelos de risco, através de equações logísticas longitudinais⁴. Isto é, a variável ter ou não vivenciado uma transição de 1995 para 2001 (variável dicotômica) é função das trocas não balanceadas, das demais variáveis de controle em 1995 e do arranjo de vida em 1995.

ARRANJOS FAMILIARES ATRAVÉS DO TEMPO

No que se refere ao primeiro objetivo do estudo, observamos que, com relação ao estado civil, não ocorreram mudanças significativas entre os quatro anos que separaram as duas pesquisas. Especificamente dentre os 551 idosos reentrevistados em 2001, a maioria (91,8%) não alterou seu estado civil. Sendo que, dos 45 idosos que alteraram seu estado civil, 48,8% deles enviuvou, 40% deles eram viúvos e casaram novamente, 4,4% deles divorciaram-se, 4,4% deles casaram, enviuvaram e casaram de novo e 2,2% eram divorciados e casaram novamente. Ob-

(4) Nesse tipo de modelo (logit), os resultados são apresentados na forma de razão de chance ou apenas podemos falar em chance. Assim sendo, quando o coeficiente da razão de chance ($\exp b$) é maior que 1 significa que o grupo em questão tem chance de morar sozinho, por exemplo (OR-1) vezes maior que o grupo de referência (no nosso caso todos os outros tipos de arranjos domiciliares). E quando a razão de chance é menor que 1 significa que o grupo em questão tem probabilidade (1-OR) vezes menor do que o grupo de referência.

servamos, na Tabela 1, um percentual alto dentre aqueles que mudaram o estado civil e acabaram casando novamente.

Tabela 1 - Principais mudanças do estado civil entre 1995 e 2001

MUDANÇA	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Enviuvaram	22	48,8
Eram viúvos e casaram	18	40,2
Se divorciaram	02	4,4
Casaram, enviuvaram e casaram	02	4,4
Eram divorciados e casaram	01	2,2
Total	45	100

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que ocorreram algumas modificações significativas entre os anos de 1995 e 2001. O percentual daqueles que moravam sozinhos, moravam com netos e daqueles que moravam com cônjuges aumentou. Sendo que o percentual daqueles que moravam com cônjuge e filho(s), daqueles que moravam somente com filho (s), daqueles que moravam com filho (s) e netos(as), daqueles moravam com cônjuge, filho (s) e neto (as) ou com genros e noras diminuiu, conforme a tabela 2 abaixo. Podemos interpretar tais resultados considerando que o fato de passar a morar sozinho se explica pela desvalorização que o idoso representa na nossa sociedade utilitarista onde o processo de envelhecimento representa para muitos jovens uma incapacidade de contribuir na sociedade. Contudo, o fato de o percentual de idosos casados ter aumentado significa que existe uma tendência dos idosos em buscar apoio social entre aqueles da mesma geração, especificamente com um companheiro ou companheira. Isto nos parece extremamente relevante para a organização de políticas sociais voltadas à população idosa, pois devemos pensar em propostas que viabilizem contatos e trocas intrageração, já que parece evidente a tendência na busca de apoio social com pessoas na mesma faixa etária.

Tabela 2 - Percentuais para os diferentes arranjos de vida entre 1995 e 2001

(continua)

ARRANJOS DE VIDA	1995	2001
Mora Sozinho	18,5*	22,1
Mora com Cônjuge	24,0*	28,3
Mora com Cônjuge e filho(s)	15,4*	12,0
Mora com Filho(s)	12,3*	11,0

Tabela 2 - Percentuais para os diferentes arranjos de vida entre 1995 e 2001
(conclusão)

ARRANJOS DE VIDA	1995	2001
Mora com Filho(s) e Neto(s)	13,0	12,3
Mora com Cônjuge e filho(s) e neto(s)	5,4*	4,2
Mora com genros e/ou noras	0,3	0,0
Mora com neto(s)	2,4	2,3
Mora com outros parentes	4,6	3,6
Mora com outras pessoas	4,13	4,0
Total	100	100

Fonte: Elaboração própria.

* Diferença significativa ao nível $p < .05$

CONDICIONANTES DOS ARRANJOS FAMILIARES

No que se refere aos demais objetivos da pesquisa, os modelos logísticos estimaram as transições nos arranjos familiares predominantes na amostra estudada.

O efeito negativo da idade, encontrado nos modelos, indica-nos que, assim que o indivíduo envelhece, o risco de sofrer uma transição no seu arranjo familiar decresce. Aqueles indivíduos que vivem com cônjuge somente e com cônjuge e filhos estão significativamente mais propensos a vivenciar uma transição que aqueles que vivem sozinhos. O risco crescente entre aqueles que vivem com o cônjuge está relacionado com a morte do cônjuge. Então, não nos surpreende que o risco de vivenciar uma transição seja mais alto para mulheres, as quais são mais propensas a ficarem viúvas. Com relação às características dos filhos, o número de filhos e contato frequente com os mesmos (semanal), todos aumentam o risco de uma mudança nos arranjos de vida.

Apesar de a variável “trocas não balanceadas” ser significativa no modelo completo, quando controlamos pelas características dos filhos ela se torna insignificante. Isto indica que aqueles indivíduos envolvidos em trocas não balanceadas com filhos são aqueles com mais filhos e que interagem semanalmente com eles. É essa característica que aumenta o risco de vivenciar uma mudança nos arranjos de vida, e não necessariamente as trocas não balanceadas.

É interessante perceber que aqueles indivíduos envolvidos em trocas não balanceadas com amigos estão mais propensos a vivenciar mudanças nos arranjos de vida. Essa variável pode ser significativa porque as características das redes de amizade (exemplo: tamanho, frequência de contato e nível de intimidade) não

foram controladas em função de limitações com os dados. Então, a variável trocas com amigos pode estar capturando esses efeitos que não foram medidos.

A variável “trocas não balanceadas com amigos” foi marginalmente significativa no nosso primeiro modelo, o qual inclui como controles os arranjos de vida em 1995, características demográficas e variáveis sobre saúde. O coeficiente das trocas não balanceadas com amigos aumenta levemente no modelo onde controlamos por características dos filhos. Um exame da correlação entre estas variáveis indica que indivíduos que têm mais filhos ou estão em contato regular com os filhos estão menos propensos a receber assistência de amigos. Esse resultado é consistente com resultados de outros estudos os quais versam sobre a hierarquia dos suportes sociais.

Análises adicionais indicam que a dimensão emocional da assistência vinda de amigos, ao invés da assistência instrumental, está relacionada com um aumento na probabilidade de vivenciar uma mudança nos arranjos de vida. Isto nos sugere que os indivíduos já estão envolvidos em relacionamentos com amigos nos quais predominam trocas emocionais não balanceadas antes mesmo da morte de um cônjuge ou da saída de casa por parte de um filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Outras pesquisas sistematicamente indicam que o processo de envelhecimento está relacionado com mudanças que afetam as transições nos arranjos familiares. Como sugerido por outros autores que trabalham na perspectiva da pessoa-ambiente (FERRARO; FARMER, 1995; LAWTON, 1982), a análise aqui apresentada demonstra que as transições nos arranjos familiares são o resultado de eventos no curso da vida que ocorrem durante o envelhecimento, no qual a influência é mediada por características da pessoa idosa e suas trocas sociais. As transições nos arranjos familiares podem ser pensadas como um processo de risco que muda à medida que a pessoa envelhece.

Esses resultados fornecem-nos uma informação pertinente para idosos que estão planejando sua vida futura, para pessoas responsáveis pela assistência aos idosos e para responsáveis pelas políticas públicas que se interessam em compreender as dinâmicas das transições nos arranjos de vida na fase da terceira idade. O próximo passo é identificar o grau em que o risco de transição relacionado com a idade é diferente daquele risco de transição que está relacionado com o período de tempo que o indivíduo se encontra no atual arranjo.

Os modelos também fornecem informação com relação aos processos de transição que variam com outras características individuais, tais como arranjos de vida no ano base (1995), saúde e trocas sociais. Aqueles idosos que vivem com cônjuge ou com cônjuge e filhos são mais propensos (isto é, estão sob maior risco) de vivenciar uma transição, que não a transição para a morte, em relação àqueles que vivem sozinhos.

A grande contribuição desta pesquisa é o *insight* que é fornecido no que se refere ao papel das trocas sociais nas transições nos arranjos de vida. Receber ajuda de amigos está positivamente relacionado com as transições. Como esperado, esses resultados fornecem-nos uma evidência adicional de que partes específicas das redes de suporte social são ativadas sob diferentes circunstâncias (LITWARK, 1985). Os membros da família, particularmente os filhos, estão frequentemente obrigados a prover assistência em termos de necessidades pessoais de longa duração, as quais estão associadas com transição para a morte. Por outro lado, as mudanças nos demais arranjos familiares evocam assistência de amigos, a qual é preferida quando existe a necessidade mais imediata do suporte emocional.

O mais importante é que esses resultados revelam o caráter do contexto social no qual as mudanças nos arranjos familiares acontecem. Ao invés de se pensar nas redes de suporte social ou como entrave ou como facilitadoras das mudanças, os resultados dessa pesquisa enfatizam o papel essencial que as trocas não balanceadas exercem na conformação de um cenário onde as mudanças podem ocorrer. Os modelos apresentados não sugerem que todas as mudanças nos arranjos familiares na fase da velhice sejam devidas às necessidades não alcançadas ou que trocas não balanceadas diretamente causem mudanças nos arranjos de vida por meio de pressão social. Ao contrário, as análises sugerem que relações que envolvem trocas não balanceadas são parte integral do processo de mudança. É mais provável que as necessidades do indivíduo idoso, ao invés da assistência que está disponível para atender aquelas necessidades, sejam o impulso para as transições nos arranjos familiares. Nós sabemos que os sistemas de suporte são ativados sempre que eventos críticos no curso da vida são iminentes ou estão em processo (CANTOR, 1980; EGGBEEN; DAVEY, 1998; HOGAN; EGGBEEN; CLOGG, 1993). Então não é inconsistente encontrar que trocas não balanceadas sejam um preditor significativo para as transições nos arranjos familiares porque as transições estão frequentemente ligadas aos eventos da vida, tais como a morte de um cônjuge ou declínio na saúde.

Dada a maneira como as trocas não balanceadas são medidas nesta análise, as medidas da troca poderiam ser significativas porque as pessoas que recebem mais assistência estão mais propensas a mudar seus arranjos de vida. Em outras palavras, pode não ser o balanço das trocas que seja importante, mas, ao invés, a quantidade absoluta da assistência recebida. Para testar esta hipótese, uma aná-

lise adicional foi feita, a qual testou os efeitos separados das trocas recebidas e dadas. Essa análise indicou que a assistência recebida está positivamente relacionada com as transições nos arranjos de vida, enquanto que a assistência dada está negativamente relacionada com as transições. Então, não é simplesmente a assistência recebida que afeta o risco de uma mudança nos arranjos familiares: ambas, a assistência dada e a recebida (isto é, o balanço nas trocas) são importantes. Do ponto de vista das políticas públicas, esses resultados enfatizam a importância de se valorizar o papel social dos idosos possibilitando que eles participem de trocas balanceadas e possam retribuir suportes recebidos, em complemento ao provimento de suporte formal para necessidades não atendidas.

REFERÊNCIAS

AVERY, R.; SPEARE Jr.; A.; LAWTON, L. Social support, disability and independent living of elderly person in the United States. **Journal of Aging Studies**, Greenwich, v. 3, n. 4, p. 279-293, 1989.

BENGTSON, V.; ROSENTHAL, C.; BURTON, L. Families and aging: Diversity and Heterogeneity. In: BINSTOCK, R.; GEORGE, L. (Eds.). **Handbook on aging and the social sciences** (3rd ed). San Diego: Academic Press, 1990.

BLAU, P. M. **Exchange and Power in Social Life**. New York:Wiley, 1964.

CANTOR, M. H. The informal support system: Its relevance in the lives of elderly. In: BORGATTA, E.F.; MCCLUSKEY, N. C (Eds.). **Aging and Society: Current research and policy perspectives**. Beverly Hills, CA: Sage, 1980.

CLARCK, M.S.; MILLS, J.; POWELL, M.C. Keeping track of needs in communal and exchange relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**, 51, 333-338, 1986.

COHEN, S.; WILLIS, T. Stress: Social support, and the buffering hypothesis. **Psychological Bulletin**, 98, 310-357, 1985.

DOWD, J. Aging as exchange: A preface to theory. **Journal of Gerontology**, 30, 584-594, 1975.

EGGEBEEN, D.J.; DAVEY, A. Do safety nets work? The role of anticipated help in times of need. **Journal of Marriage and the Family**, 60, 939-950, 1998.

FERRARO, K.; FARMER, M. Social compensation in adulthood and later life. In: DIXO, R.A; BACKMAN, L. (Eds.). **Compensating for psychological deficits and declines** (pp 127-145). Mahwah: Erlbaum, 1995.

GRIFFITH, J. Social support providers: Who are they? Where are they met and the relationship of network characteristics to psychological distress. **Basic and Applied Social Psychology**, 6, 41-60, 1985.

HOGAN, D. P.; EGGEBEEN, D.J.; CLOGG, C. C. The structure of intergenerational exchanges in American Families. **American Journal of Sociology**, 98, 1428-1458, 1993.

HOMANS, G. C. **Social behavior**: Its elementary forms. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1961.

LAWTON, M. P. Competence, environmental press and the adaptation of older people. In: LAWTON; M. Powell; WINDLEY, P.G.; BYERTS, T.O. (Eds.). **Aging and the environment**: Theoretical approaches (p. 33-59). New York: Springer, 1982.

MUTCHLER, J.; BURR, J. A longitudinal analysis of household and nonhousehold living arrangements in later life. **Demography**, 28, 375-390, 1991.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual do Idoso. **Os idosos do Rio Grande do Sul**: estudo multidimensional de suas condições de vida: relatório de pesquisa. Porto Alegre: CEI, 1997. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/3idade/pesquisas/Os_Idosos_do_RS_-_Relatorio_de_Pesquisa.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

SCHWARTZ, S.; DANZIGER, S.; SMOKENSKY, G. The choice of living arrangements by the elderly. In: AARON, H.; BURTLESS, G. (Eds.) **Retirement and Economic behavior** (p. 229-253). Washington, DC: The Books Institute, 1984.

SOLDO, B.; WOLF, D.; AGREE, E. Family, households, and care arrangements of frail older women: A structural analysis. **Journal of Gerontology**; Social Sciences, 45, S238-S296, 1990.

SPITZE, G.; LOGAN, J.; ROBINSON, J. Family structure and changes in living arrangements among elderly nonmarried parents. **Journal of Gerontology**: Social Sciences, 47, S289-S296, 1992.

WILMOTH, J. Living arrangement transitions among America's older adults. **The Gerontologist**, 38, 434-444, 1998.

_____. Unbalanced Social Exchanges and Living Arrangements Transitions Among Older Adults. **The Gerontologist**, 40, 64-74, 2000.

WOROBEY, J.; ANGEL, R. Functional capacity and living arrangements of unmarried elderly persons. **Journal of Gerontology**: Social Sciences, 45, S95-S101, 1990.